

APRESENTAÇÃO

É com muita alegria que publicamos a trigésima edição da revista *Em Tempo de Histórias*, de temática livre. Essa edição contém cinco artigos e uma nota de pesquisa. Se tratam de artigos com temática diversa que põem em relevo a importante função da História em mostrar que o estudo do passado influi em questões contemporâneas e cotidianas transformadoras e questionadoras da ação humana.

Em “A Nova História no Brasil: Um estudo das apropriações teóricas e metodológicas no livro *Festas e Utopias no Brasil Colonial* de Mary Del Priore”, Thiago Belieiro utiliza-se o livro de Mary Del Priore como fonte para mensurar a influência que a historiografia realizada pela terceira e a quarta geração dos *Annales* teve na produção histórica brasileira à época. O objetivo foi pensar como historiadores brasileiros das décadas de 80 e 90 foram influenciados pelos *Annales* e observar o processo de apropriação de temas, conceitos e métodos na produção historiográfica brasileira. O autor leva a cabo sua análise a partir de três conjuntos de reflexões: o local de produção da operação historiográfica, análise da prática dos agentes desse local – o que engloba conceitos, teorias e métodos de pesquisa – e finalmente, da escrita como resultado da relação entre local e prática. Ademais, fornece um panorama de como surgiram e se desenvolveram os programas de pós-graduação em História no Brasil, e como eles foram afetados pelos processos políticos e históricos os quais o país atravessou (notadamente, a Ditadura Militar e sua derrocada).

Em “Jornal de Umbanda: construção de discursos em defesa de ‘boas’ práticas religiosas”, Fabíola de Souza analisa textos jornalísticos da década de 1950 a respeito da prática religiosa da Umbanda, no limiar da história política, social e cultural, para identificar o cruzamento de ideias das pessoas intelectuais que se expressavam nesses periódicos. O trabalho buscou seguir a nova linha historiográfica de estudos do pós-abolição, que buscam um estudo mais sistematizado sobre as experiências cotidianas, individuais e ou grupais, logo após o fim da escravidão ou nas décadas que se seguiram. O *Jornal de Umbanda* era veículo que pretendia divulgar a história, os princípios filosóficos e rituais a respeito da umbanda,

num contexto de preconceito e perseguição religiosa. A criação de um jornal impresso exclusivo para os adeptos, frequentadores e simpatizantes da Umbanda foram uma dessas formas de construir discursos que serviram para doutrinar os umbandistas, servir de interlocutor das decisões da Federação, da codificação das práticas religiosas e para as senhoras umbandistas orientações “para o lar”. Ou a colaboração de um jornal de circulação estadual, como o A Noite, que no período estudado, também, trazia artigos e reportagens com esclarecimentos sobre a umbanda, com informações de normas de conduta, liturgias e princípios filosóficos aos umbandistas e demais seguidores do vespertino. Muitos dos artigos desses jornais seguiram modelos de racialização, exaltando a magia branca, os “bons” espíritos e as “boas” práticas religiosas e se colocando contrário as práticas tidas como africanistas, incluindo aí o candomblé.”

Bibiana Rosa, em “A representação como elemento de disputas identitárias: a Amazônia em disco” discorre a respeito da *cumbia* como um gênero musical transnacional simbólico da identidade latino-americana, difundida pela Indústria Fonográfica Peruana (Infopesa), utilizando-se do conjunto “Juaneco y su combo” como exemplo. Segundo a autora, “A Indústria Cultural, inserida nas lógicas da globalização e do capitalismo, pode funcionar como agente articulador e interpelador de encontros interculturais e, assim, atuar na produção de discursos identitários de caráter regional - que mesmo localizados representam tendências transnacionais”. O questionamento que é fio condutor do artigo é: em um contexto de mundialização da cultura, de que modo as identidades regionais são rearticuladas? Para a autora, a indústria fonográfica peruana participou ativamente de processos de hibridação cultural, veiculando estilos musicais representantes desta região nos circuitos musicais peruanos.

No artigo “Quando as identidades se transformam em calabouços. Pós-colonialidade, teoria queer e crítica chicana em Gloria Anzaldúa”, Rafael Rodrigues aborda narrativas pós-coloniais de autores como Anzaldúa, Naipaul e Fanon. Seus questionamentos são acerca da identidade de um indivíduo que encontra-se “no meio” de duas identidades forjadas: uma pela metrópole, outra por uma sociedade que já se viu colônia e, após a independência, ainda se vê dignatária de costumes e tradições da “metrópole”, e o exemplo são as relações entre EUA-México, Trinidad y Tobago-Reino Unido. O autor se utiliza de Stuart Hall (2011:21) como referencial para afirmar que: “Não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Estamos sempre em processo de formação

cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar”. Nesse sentido, em Anzaldúa (1987) não encontramos um mito fundacional para uma cultura e sim uma relação sempre complexa e em constante transformação.

André Luiz Rosa em “Porto e liberdade: o surgimento das associações operárias em Itajaí (SC) no começo do século XX” busca experiências na fundação do movimento operário as relações locais que se estabeleceram e transformaram, a sua maneira, a cidade. O autor afirma que: “Os eventos festivos, os apelos ao patronato, as manifestações associativas, as iniciativas altruístas em prol do operário etc., integraram o repertório de ações que propiciaram o seu contínuo fazer-se. Tomando classe operária como formação histórica, compreendendo que há recuos e avanços, perdas e ganhos, estratégias e insucessos, o movimento está num permanente processo evolutivo, visto que (...) as classes nunca estão prontas no sentido de acabadas”. No artigo, podemos acompanhar o surgimento e desenvolvimento desse operariado.

Publicamos ainda, como nota de pesquisa, o texto “O herói inventado: a representação de herói em Getúlio Vargas em impressos pernambucanos durante a legitimação do Estado Novo, 1937-1945”, de autoria de Gildson Vieira. O trabalho apresenta artigos selecionados dos jornais pernambucanos *Fôlha da Manhã* e *Jornal do Recife* de modo a tecer análise acerca do discurso político que enaltecia a figura do presidente, durante o contexto histórico do Estado Novo (1937-1945). Desse modo, estabelece-se a relação com a problemática da salvação nacional que seria levada a cabo pela pessoa do presidente Getúlio Vargas. O autor afirma que “Essa estrutura salvacionista, presente nos regimes totalitários mundiais do mesmo período, construía uma imagem messiânica do chefe de Estado e resultava no que o historiador Alcir Lenharo chamou de ‘sacralização da política’”. O texto, portanto, nos mostra essa íntima relação entre o discurso do herói presente de maneira mais geral em outros regimes e a ascensão política de Getúlio Vargas.

Esperamos que seja uma leitura prazerosa e até a próxima edição!

Victória Carvalho Junqueira
Conselho Editorial